

PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA DO POVOADO FLORESTA, WANDERLÂNDIA - TOCANTINS

Data de aceite: 14/03/2023

Maria Alessandra Alves dos Santos

Universidade Federal do Tocantins
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7104-5546>

Eliseu Pereira de Brito

Universidade Federal do Norte do Tocantins
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2788-6636>

na década de 1950 com a chegada dos primeiros moradores ao local. Tratava-se de pessoas humildes, migrantes que buscavam na fronteira condições de se instalarem a fim de construir suas moradias. É um povoado que fica no município de Wanderlândia, mas é em Araguaína que a população tem sua referência para atendimento em saúde, educação e comercialização de seus produtos.

Em se tratando da ocupação do lugar, pode-se afirmar que,

O povoado Floresta cresceu pela dinâmica proporcionada pela rodovia e pela organização da vida no campo. A disponibilidade de água e de terras foram elementos cruciais no processo de ocupação. (Santos, 2019, p. 17)

Em termos populacionais é pequeno e conta com limitada infraestrutura pública, está todo asfaltado, conta com um posto de saúde, uma escola que tem apenas o ensino fundamental, uma igreja católica e

INTRODUÇÃO

Trata-se de um estudo de caso construído por meio de observações da produção e comercialização da farinha seca que acontece no povoado Floresta, município de Wanderlândia no norte do estado do Tocantins. Este povoado é um lugarejo criado nas margens da rodovia Belém-Brasília (antiga BR-14, atualmente BR-153) distante 5km da cidade de Araguaína. A população do local em sua maioria habita em casas construídas no entorno da rodovia.

O Povoado Floresta teve início

duas evangélicas. Possui três restaurantes que na grande maioria é o ponto de parada dos caminhoneiros que transitam pela rodovia para fazer suas refeições. Neste local tem um centro de fabricação artesanal e comercialização da farinha e outros derivados da mandioca da região imediata de Araguaína.

Como forma de fazer a pesquisa construímos um trabalho com entrevistas com homens e mulheres do povoado. Este povoado atualmente conta com 15 casas de farinha e com a mão de obra de 60 mulheres na descasca de mandioca e 30 homens que fazem a torração da farinha, trabalhadores que não foram identificados em organizações de associações ou cooperativas.

O ponto de partida desta pesquisa foi em responder as seguintes indagações propostas no trabalho, a saber: Qual o papel do povoado na distribuição e produção de derivados de mandioca? Há uma construção e apropriação identitárias de descascadeira de mandioca na relação trabalho e gênero? Segundo Santos (2019, p. 12), trabalhando com outras indústrias de farinhas demonstrou que a distribuição social do trabalho se estabelece da seguinte forma: “- O trabalho é executado por 95% força braçal de mulheres e 5% de homens e consiste, principalmente, na descasca da mandioca para transformação em polvilho, tapioca e farinha” .

O objetivo almejado foi construir uma análise do modo de vida das descascadeiras de mandioca e o trabalho na plantação colheita, torração da farinha e distribuição da farinha para os comércios.

De modo geral, trata-se de um público com renda baixa, com pouca escolaridade e com trabalho sazonais dado ao período de maior e menor produção do fabrico da farinha. Uma produção que atrelada a demanda do fornecedor da mandioca e da demanda de vendas do produto.

Desse modo, torna-se importante identificar a divisão social do trabalho, assim como, o funcionamento da produção artesanal da farinha e seu processo de transformação e comercialização do produto direto ao consumidor ou “atravessador”, uma espécie de intermediário entre o produtor e o consumidor, Também objetivou-se construir um estudo que estivessem atentos aos impactos causados na vida destes sujeitos no processo de fabricação e comercialização da farinha e os derivados da mandioca.

Ao tratarmos sobre o povoado Floresta no que tange a produção e beneficiamento da mandioca, atualmente, este é um centro de distribuição da farinha no norte do Tocantins. É um lugar que se beneficia pela estratégia de localização as margens da rodovia Belém-Brasília, posição que o torna um nó na rede logística de transporte regional, facilitando o escoamento da produção, assim como, a drenagem da produção da mandioca para ele de lavouras do Bico do Papagaio, importante região produtora desta cultura.

Posto estes apontamentos iniciais, indicamos como questão central da pesquisa: Qual o papel do povoado na distribuição e produção de derivados de mandioca? Qual a organização social do trabalho na produção? Como as mulheres se organizam na produção? Qual o sentido do trabalho? Há uma identidade de descascadora de mandioca na relação trabalho e gênero?

O objetivo da pesquisa foi analisar a forma de produção da farinha no que tange a divisão social trabalho entre as descascadeiras de mandioca e no processo de torração e a comercialização da farinha. Portanto, esse estudo pauta-se na necessidade de conhecer e compreender o caminho percorrido desde trazer informações do trabalho fazendo uma relação da produção com participação das descascadeiras de mandioca e a comercialização para Araguaína e outras cidades.

Desse modo, a proposta apresentou um mapeamento dos locais da roça, das cascas e da fabricação da farinha com as descascadeiras de mandioca e refletiu sobre a divisão social do trabalho na fabricação da farinha no povoado Floresta.

O PERCURSO DA CATEGORIA MODO DE VIDA

Construímos uma leitura sobre o modo de vida como base teórica de sustentação da nossa pesquisa. A análise partiu de uma revisão em clássico e de teses e artigos que nos auxiliaram a entender o processo no estudo de caso que elaboramos. Segundo Passos (2017).

Segundo La Blache um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua que age fortemente sobre natureza agindo sobre a fisionomia das áreas" e suas categorias, dois gêneros mais evoluídos, podem expressar de forma clara esse conceito: o estado pastoril e o estado Agrícola. Esses dois seres tornaram-se socialmente muito diferentes- o direito para o territorial para outro essencialmente familiar-por um conjunto de hábitos e concepções surgidas primordialmente da diferença de gêneros de vida que praticam. (Passos, 2017, p.120)

Para o autor, o gênero de vida trata-se de uma ação contínua sobre o espaço, ações geradoras de formas de vida como pastoris e agrícolas. Mas,

Vale salientar que os gêneros de vida descritos por La Blache se referem a comunidades tradicionais existentes no início do século XX e descrevem sobre um aspecto geográfico a evolução do modo de vida espalhados pelo mundo. O autor retoma a ideia possibilista do homem se adaptar ao meio em função de suas necessidades, bem como, o clima tendo responsabilidade sobre a relação ao homem/meio de maneira que para ele a natureza viva fornecera, particularmente, possibilidades que serviram de normas a intervenção e ocasiões de iniciativas. (Passos, 2017, p. 123)

A possibilidade do homem de se adaptar ao meio para garantir sua sobrevivência é

sustentada por normas e iniciativas. Estas se diferenciam no espaço, pois,

Grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizadas tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. Essa noção se refere tanto a povos do meio ambiente. Essa noção se refere tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos. (Diegues, 2000 apud Passos, 2017, p. 22)

Nos desdobramentos da vivência nos lugares que buscamos analisar nesta pesquisa, partimos do entendimento que o modo de vida traduz todo um movimento histórico de construção da vida das populações. O uso da terra para o plantio da mandioca, conforme relatórios do Seplan (www.sefaz.to.gov.br) os neossolos quartzarênicos, tem se adaptados bem e rendido importantes lucros tanto no passado com as populações nas frentes pioneiras de ocupação, como na atualidade, com populações de descascadeiras de mandioca.

O avanço tecnológico e a urbanização intensificados nas últimas décadas anunciam mudanças significativas no modo de vida de grande parte da população tocantinense. Tais mudanças são representadas, sobremaneira, pela modernização agropecuária que cada vez mais avança no território (Borges, 2000 apud Passos, 2017).

A tecnologia no cotidiano do campo do campo traz inovações e tem acelerado as desigualdades espaciais, o que produz fobia junto às comunidades tradicionais que temem pela permanência de suas culturas e vidas. Pois são pessoas que lutam pelos seus direitos de permanecer sobre o território, o que com tanta modernização passa a ser desvalorizado por muitos. Então, se cria necessidades de se adaptar a esse meio tecnológico que acontece inovação no meio industrial e no agropecuário. O que traz também a desigualdade de vida para essas comunidades.

Para tanto, é preciso que se faça reflexões sobre o papel da geografia no entendimento do impacto desse movimento nas comunidades. Vale ressaltar que partimos do princípio da categoria,

[...] populações, comunidades, povos, sociedades, culturas cada uma das quais tende a ser acompanhada por um dos seguintes adjetivos: tradicionais, autóctones, rurais, locais, residentes quilombolas e muitos tradicionais, autóctones, rurais, locais, residentes quilombolas e muitos outros. (Little, 2002 apud Passos, 2017, p. 02)

O modo de vida tem sido um elemento fundamental de identificação das comunidades, e isso não pode ser lido enquanto algo estático, antes, fluido, ou mesmo parafraseando Zygmunt Bauman, líquido. Uma variável dessa liquidez é o avanço do meio tecnológico que vem crescendo de forma acelerado, e produz um deslocamento da população mais

humilde, as mesmas se sente deslocada por não entender qual seu verdadeiro lugar no ambiente de vivência.

De fato, o que observamos trata-se de pessoas que buscam permanência de seus modos de vida como garantia à vida ou por consciência de que aquele estilo é sobrevivência, ou mesmo, por medo do novo, de suas interferência e mortes de sua cultura e conhecimentos.

Entretanto, não é exagero falar que essas pessoas são sofredoras, mas ao mesmo tempo são felizes porque elas fazem o que gostam, ou pelo menos aprenderam a gostar, já que elas não tiveram o direito de escolha, em muitas ocasiões, não tiveram oportunidade para desenvolver outro meio de sobrevivência. Logo, passa a entender que a única forma de fazer seus trabalhos bem feitos é gostando do que faz e, ainda lembrando, em muitos momentos, é a única forma de garantir o alimento na mesa e uma educação para seus filhos.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Este trabalho apresenta as vivências das pessoas do lugar chamado Floresta, foi uma pesquisa construída através de fontes primárias e secundárias com foco na discussão das informações sobre os modos de vida buscando explicar o mundo das mulheres descascadeiras de mandioca. O intuito desta pesquisa foi identificar e compreender o modo de vida das descascadeiras de mandioca, relacioná-las com as expectativas que essas mulheres ainda possuem em seu trabalho ou, até mesmo, para sua vida.

Foi também realizado um quadro da divisão de tarefas das famílias do povoado por meio de seleção de alguns entrevistados. Este mapa permitiu construir a divisão do trabalho na comunidade de descascadeiras de mandioca feito de acordo com a proposta em Verdejo (2006). Fizemos também um percurso sobre o papel que a rodovia Belém-Brasília exerce na região em Brito (2016; 2017), como linha que liga os principais centros de aglomerações urbanas, artéria primordial para o escoamento da produção da farinha de mandioca discutida neste trabalho.

As informações foram coletadas em campo por meio de entrevistas semiestruturadas, observando o perfil da mulher com o ofício de trabalho da descasca da mandioca. Buscamos identificar o público com jovens e terceira idade, afim de construir uma memória do lugar e a partir desta construção identificar o modo de vida enquanto produção do espaço geográfico.

Podemos então afirmar que a pesquisa buscou aplicar uma análise de um entendimento do modo de vida para construir formas de abordagens na interação pesquisa e aperfeiçoamento docente na prática do ensinar geografia. Criar novas ferramentas para o ensino de geografia é uma proposta inovadora.

TRATANDO SOBRE A DIVISÃO SOCIAL NA FABRICAÇÃO DA FARINHA

A pesquisa foi construída com bases primárias e secundárias em livros e em periódicos com temática trabalhada nesta pesquisa. O arcabouço destas leituras permitiu uma compreensão dos conceitos de trabalho, divisão social do trabalho e território, importantes para a leitura da ideia aqui proposta. Segundo Silva (1995),

Entretanto está aparente delimitação engessada de papéis e questionada por Cantarelli no Brasil, ao afirmar que mesmo havendo modelos ideias que tangem essa diferenciação de papéis, o dia -a- dia nem sempre permite a “[...] plena vivência idealizada da vida da vida masculina, voltada para produção no roçado como unidade de produção e a vida feminina, voltada para a vivência dos cuidados domésticos. Os membros das famílias na lida diária definem essas diferenciações sociais. Mesmo assim há consenso de que a denominada “conciliação entre tarefas domésticas e extra casa se intensificam e permanecem sob a responsabilidade das mulheres. (p. 56)

Neste sentido pode-se afirmar que há uma divisão de gênero de trabalho nas casas de farinha entre homens e mulheres. O homem está focado em cultivar a terra para o plantio, no cuidar e zelar da roça até chegar a colheita da mandioca. Nesse momento, as mulheres que são as descascadeiras de mandioca ficam com a tarefa de descascar a mandioca, de ralar para transformar em goma (massa) para ser peneirada depois. Porém, no momento da torração da farinha, o trabalho fica por conta do homem novamente, já que para mulher é um local muito quente à beira do forno que pode ocasionar problemas de saúde.

Assim, as mulheres além de trabalhar nas casas de farinhas são também responsáveis por todos os afazeres em sua casa e pela a educação dos seus filhos já que em grande maioria são as únicas provedoras de suas casas.

O perfil dessas mulheres, em sua maioria, são de que não teve a oportunidade de estudar e isso deve a vários fatores como ter que ajudar no sustento da família ou, porque o acesso à escola era muito distante de sua casa. Na maioria são mulheres que abandonaram seus sonhos, seus objetivos para trabalhar e que precisam trabalhar braçal com muitos esforços para sustentar a sua família.

Logo em seus cotidianos não muda quase nada já que no povoado não têm outras formas de renda, até porque as pessoas que tiveram oportunidade de estudar e se formar vão procurar trabalhos na cidade, e quem não estudou, só resta ir para as casas de farinhas e tentar tirar seu sustento. Em uma pesquisa realizada por Brito e Almeida (2018) sobre as quebraadeiras de coco Babaçu no Bico do Papagaio, houve uma identificação da relação do trabalho de quebra de coco e da casca da mandioca, quase sempre nos lugares pesquisados são identificados pelos autores como trabalho realizado por mulheres pobres que trabalham em diárias e em sua maioria, são mantenedoras da renda de suas famílias.

Para Santos e Alves (2021), o trabalho da fabricação de farinha, quer na plantação da mandioca ou na fabricação da farinha na indústria, é um processo de permanências (mutáveis) do conhecimento de lidas com o solo e a técnica. Ao mesmo tempo, as autoras retratam estas permanências como construção identitárias territorial das comunidades rurais na Bahia.

Santos e Alves (2021) descreve a divisão de tarefas em uma fábrica de farinha e demonstra as realizadas por homens, por mulheres e por ambos os sexos. Algumas são específicas de homens como a torração da farinha, atividades que exigem muito esforço e exposição ao calor, que segundo seus entrevistados podem fazer mal a saúde das mulheres. Em outras atividades, são específicas para mulheres, caso descascar a mandioca. Sempre em forma de roda, as mulheres descascam a mandioca para ser ralada.

ATIVIDADES	Homem	Mulher	Filhos	Amigos
Planta a mandioca	X X X X			
Cuida da roça	X X XX		X	X
Colhe a mandioca	X X X		X	
Descasca a mandioca	X	X X X X	X	
Rala a mandioca		X XX		
Torra a farinha	X X		X X	X X
Vende a farinha	X X	X		
Mantém financeiramente a casa	X X	X X X X		

Quadro 1 - A organização do trabalho na fabricação da farinha

Fonte: os autores (abr. 2019)

Esse quadro tem como objetivo, explicar de como é feito a divisão de trabalho e da forma com que as descascadeiras de mandioca contribuem com despesas de casa, qual é o papel do homem, quando os filhos começam participar do trabalho e o momento que os amigos contribuem de alguma forma com essas atividades. Assim, a análise da rotina de

trabalho desses trabalhadores é dividida em várias etapas até que o produto possa chegar no mercado distribuidor e consumidor, ainda demonstrando que as descascadeiras além de fazer os afazeres de casa conseguem realizar várias funções nas casas de farinha para garantir a qualidade do produto fabricado. Portanto, mesmo com avanço da tecnologia nada pode substituir as qualidades de seus produtos que é realizado de forma artesanal com muita dedicação por parte das descascadeiras.

ENTRE A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA FARINHA

Segundo dados do IBGE (2021), em torno de 18 milhões de toneladas de farinhas foram produzidas no Brasil em 2020. A farinha de mandioca no Brasil é comercializada de maneira direta entre o produtor e o comprador, uma vez que, os vendedores são geralmente os próprios produtores, vendendo em feiras por quilos ou sacas de mais de trinta (30) quilos aos atravessadores. Por mais que não tenha uma única forma de fabricação de farinha, a de mão-de-obra familiar é a mais comercializada, sem participação empresarial formal e sem tecnologias avançadas na realização do produto final.

De acordo com Silva (1995, p. 4), atualmente no

Brasil não tem uma participação expressiva no mercado externo de mandioca, apesar de ser o principal produtor mundial. Toda a produção brasileira é consumida internamente. A produtividade é muito baixa, (em torno de 12 toneladas por hectare). São também altas as perdas na comercialização, devido à alta perfectibilidade do produto, que deve ser utilizado em 1 a 3 dias, após a colheita. A rápida deterioração da raiz não permite seu uso após este curto período.

Apesar da comercialização de farinha do povoado Floresta ser a grande responsável pelo abastecimento do comércio de grande parte do Bico do Papagaio e de outras regiões do Tocantins, ainda não tem um selo de qualidade ou identificação da mercadoria produzida neste povoado.

Sabe-se que a farinha é a grande responsável pela alimentação na mesa dos brasileiros, porém, ainda falta um reconhecimento dos compradores da farinha da qualidade de produção. Segundo Santos (2019, p.24),

é importante destacar o desejo dos trabalhadores de serem respeitados em suas profissões. E ainda, desejam uma flexibilidade de trabalho para que possam assim, ter mais tempo junto à familiar. Fica muito complexo definir como ser um bom trabalhador porque entender que o único beneficiado com todo esse avanço é sempre o empregador. Logo são pessoas que não podem expressar seus desejos de melhora por medo de perder seu emprego, em muitos casos por não saber fazer outra coisa ou então, por considerar que é uma tradição de família que jamais pode ser interrompida.

Neste sentido, há de se frisar que há uma demanda por trabalho braçal na produção

da farinha com uso da força de trabalho da família, que envolve o homem e a mulher e seus filhos. Por outro lado, dada a baixa inserção em setores empresariais, sem a criação de uma marca que demanda uma agregação de valor na farinha, os rendimentos não são limitados aos trabalhadores, em sua maioria, diaristas. É um trabalho que demanda esforço como pode ser retratado nas figuras abaixo.



Figura 1 – (A) Lida com a descasca da mandioca. (B) Armazenamento da mandioca para ralar.

Fonte: os autores, 2022.

Na primeira foto acima registrada vemos as descascadeiras em sua lida para elaboração da farinha de mandioca que vem ser a descasca, quase sempre feita por duas ou mais mulheres. A habilidade de descascar varia de acordo com o aperfeiçoamento das formas e técnicas adquiridas ao longo dos anos no labor do manuseio da faca e do ralo. Um ponto que pouco se discute é a saúde das mulheres diante do contato com a mandioca, principalmente da exposição ao ácido cianídrico. Devido a mandioca brava ter uma maior produtividade é mais usada do que a mandioca mansa no povoado em questão.

A próxima foto mostra o local em que depois de ter sido tirado a casca, a mandioca fica armazenada para a relação em baldes, tonéis, barris e dentre outros utensílios. Não são locais apropriados para o armazenamento, porém, por ser fabricação caseira não há grandes inovações para isso. Há de se frisar, que a grande produção do povoado é da farinha seca em detrimento da farinha de puba, que seu fabrico exige outras técnicas e

tempos na pré-produção.

Toda a preparação é feita de forma rápida e artesanal como pode ser constatado nas figuras abaixo.



Figura 2 – Prensa manual para o descanso da massa da mandioca.

Fonte: os autores, 2022.

O que representa as fotos superiores é a prensa que tira a água da massa para continuar a confecção da farinha de puba. A prensa artesanal não tem nada de alta tecnologia, mas, é de grande utilidade para que se consiga fabricar o produto final, uma vez que extrair somente a massa é necessário. A precisão dos grãos passará por peneiras (figuras abaixo) e artes nas torrações da farinha, atividades quase sempre executadas por homens.



Figura 3 – (A) Colcha de peneira manual. (B) Forno manual para a torração da farinha.

Fonte: os autores, 2022.

A peneiração é um dos processos na fabricação da farinha de mandioca, portanto, na foto 5 apresenta-se a concha de peneira onde as mulheres prensam a massa na concha para ficar de forma devidamente certa, ágil para pode ser colocada no forno para o término da elaboração.

A última foto exprime o forno manual que é a etapa final da fabricação da farinha, como já dito, os homens que ficam responsáveis nesta fase da confecção, pois, além do forno quente precisar de uma maior habilidade e força para torrar e não se queimar. Em pesquisas feitas em fábricas de farinha tem constatado que a quentura dos fornos é muito prejudicial para a saúde feminina e precisa ser evitada a exposição nesta etapa da fabricação do produto.

Segundo o primeiro entrevistado, o senhor Francisco (set. 2022), responsável por uma das casas de farinha que faz a comercialização para as cidades de Araguaína, Ribeira (Darcinópolis), Ananás e para o estado do Pará. Para ele, as farinhas fabricadas são de puba e seca, contudo, a de puba é a mais vendida.

Cada casa de farinha tem uma quantidade de farinha que é comercializada em casas que vendem de 20 a 40 sacos de farinha por semana, e tem outros produtores que produzem menos, faz de acordo com os contratos que são dois ou dez sacos por semana.

De acordo com a segunda entrevistada Joelma (set. 2022), descreve que a descasca de mandioca é um meio de sobrevivência, já que a descasca é o que predomina como trabalho no povoado Floresta. Ela fala que há uma identidade em relação ao trabalho de gênero, pois a mulher é responsável pela descasca da mandioca e a ralação da mandioca, e o homem, além de plantação, é quem traz a mandioca para os aviamentos e ainda faz a

prensa da massa, a torração e a comercialização.

RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO DE MULHERES E HOMENS NO TRABALHO DA COMERCIALIZAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA

Para entender o papel dos homens ou das mulheres na elaboração da confecção da farinha de mandioca e da descasca, há uma tradição de família e uma transmissão de geração das habilidades e divisão social da lida com a farinha. O homem planta e cuida da roça para colheita da mandioca e na hora da torração eles voltam para o ponto de consumo da mercadoria. Para as mulheres, além de seus afazeres domésticos, é na descasca de mandioca e armazenamento para que possa ser transformada em produtos para ser comercializada no mercado e para a região próxima que expõem suas principais tarefas.

Fazendo um paralelo entre o trabalho da fabricação artesanal da farinha e os estudos da padaria realizado por Sennett (2015), essas pessoas são fortemente impedidas e impelidas a interpretar seu ofício como refletindo sobre si, como indivíduos devido o avanço tecnológico serem homens que se distinguem em seu trabalho, mais que não compreende como pode ser descartados ou melhor utilizado, valorizado de forma tão elevada deixando que as máquinas aproveitada até mais que seus trabalho braçal e, toda seu conhecimento passado de geração em geração e que, mesmo que tenham alguma qualificação, possam ficar as margens do trabalho, para prevenir que esses trabalhos exerçam da forma que foi repassado e memorizado para eles por anos.

Sendo assim, com as descascadeiras não é distinto porque são mulheres que aprenderam seu trabalho muito novas e também se reconhecem na sua profissão e na elaboração da farinha de mandioca. Mas, elas percebem que estão perdendo e deixando seu valor para a máquinas que produzem e fazem de forma mais momentânea aumentando a fabricação. Porém, não possui o carinho e a delicadeza que essas descascadeiras que por anos, vem exercendo isso, e que de alguma forma também contribui e coopera para que elas ganhem tão pouco, trazendo em algum momento a não decifração de seus trabalhos como um indivíduo deixando assim, cair no esquecimento de sua identidade como descascadeiras. Há de frisar também que a comercialização da farinha em barracas na beira da estrada é familiar e quase sempre o atendimento ao cliente é feito pela mulher. Na figura abaixo traz imagens da comercialização da farinha na rodovia.



Figura 4 – Barracas de vendas de farinha as margens da rodovia Belém-Brasília no povoado Floresta

Fonte: os autores (dez. 2022)

A falta de uma marca de farinha que amplie os mercados consumidores e agregue valor sobre a mercadoria ali produzida, cria na atividade artesanal uma perda de ganhos reais refletidos no preço da diária e do produto. Trata-se de mulheres que trabalham a semana com remuneração diária baixa. Não é possível mensurar o ganho mensal, pois o trabalho é temporário, artesanal, com poucas instalações industriais pequenas que comportam atividades temporárias de trabalho.

Há uma diversidade de modos de fazer a farinha e isso pode ser representado na figura 8 com três tipos de farinhas. A primeira de coloração marrom é a farinha de puba; a segunda de coloração branca é a farinha seca; e a terceira de coloração amarela é a farinha enriquecida com açafraão.



Figura 5 – Variedades de farinhas fabricadas e vendidas do povoado Floresta

Fonte: os autores (dez. 2022)

Estes são os três tipos de farinhas mais consumidas na região e sua produção se deve principalmente ao atendimento deste público consumidor tocantinense, maranhense e paraense. É uma farinha artesanal que não tem sobre ela nenhuma marca que possa agregar ao valor de exportação, nem as embalagens são identificadas com a origem de sua produção, ressaltando um desconhecimento do povoado e da sua produção de farinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho acadêmico nos proporcionou olhar para um lugar em que há muitas descascadeiras de mandioca que são parte importante na fabricação e comercialização das farinhas seca e de puba do povoado pesquisado. Elas vivem em incoerências, uma vez que, elas se distinguem, porém, mesmo assim, ainda há preconceitos e desigualdade social da forma que remuneração e condição para exercer seu ofício.

A comercialização e fabricação da farinha é feita de forma manual e artesanal pelos moradores que tem como fonte de renda o que é feito e a vende. Muitos trabalham todo dia na colheita, na descasca, na torra e o que ganham fica abaixo de um salário mínimo,

o que impacta diretamente sobre a questão financeira destes trabalhadores da produção da farinha.

O que ressaltamos é que as descascadeiras que trabalha na fabricação, elaboração e comercialização da farinha no povoado Floresta desejam e anseiam serem reconhecidas e melhores remuneradas em seus trabalhos. Têm sonhos de ter uma vida digna e honesta, com isso, proporcionar um pouco de conforto adequado para sua família superando o passado sofrido em que várias gerações lutam por um espaço de melhoria, tanto no espaço de trabalho, quanto em relação às suas moradias no norte do Tocantins.

Wanderlândia é o município do Povoado Floresta, mas os moradores locais procuram na cidade de Araguaína melhorias de vida e bem-estar por estar mais próximo geograficamente ou até mesmo por sentirem um abandonado e desamparado pelo poder público de Wanderlândia que não fazem com que melhore as condições e formas de trabalho das descascadeiras e de quem fabrica a farinha que é o produto de maior valor no lugarejo.

Em suma, buscou acender uma reflexão sobre o modo de vida das pessoas que comercializam a farinha de mandioca, das descascadeiras e da população em geral, uma vez que ali há mulheres e homens que se identificam com o seu trabalho, visto que é a única forma de renda, sendo de extrema importância que elas sejam valorizadas. Vale ressaltar, que as entrevistadas se reconhecem como descascadeiras e destacam o seu desejo entre todas de igualdade de gênero entre mulheres e os homens; que melhorem suas condições e progressos de trabalho; e que compreendam o ofício das pessoas que fabricam e comercializam a farinha.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wilma Melhorim. *Kalunga: identidades territoriais de um gênero de vida em transição nas terras do nordeste goiano*. 2014. 35 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal Goiânia, Goiânia, 2014. Cap. 35.

BRITO, Eliseu Pereira de. La carretera Belén-Brasilia y la ocupación del territorio en el sudeste de la Amazonía Legal, Brasil. In: Alice Beuf, Patricia Rincón Avellaneda. (Org.). *Ordenar los territorios, perspectivas críticas desde América Latina*. 1ed. Bogotá - Colombia: U. de los Andes, 2017, v. , p. 219-238.

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, M. G. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, Tocantins. *Geosul*, 32(63), 229-249, 2017. Acesso em: 09 jun. 2022.

BRITO, Eliseu Pereira de. *Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense*. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

HOLANDA, Aurélio Buarque de, FERREIRA, Marina Baird, ANJO, Margarida dos *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5.ed.curitiba positivo, 2010.

PASSOS, Claudio Roberto Farias. *Os Gêneros de vida na geografia humana*. 2017. 124 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2017. Cap. 123

SANTOS, Maria Alessandra Alves dos. *Um Olhar Geográfico sobre descascadeira de Mandioca do Povoado Floresta Wanderlândia/TO*. 2019. 26 p. (Categoria e área de concentração) - Universidade Federal do Tocantins Campus Universitário de Araguaína 2019.

SANTOS, Marisa Oliveira; ALVES, Ana Elizabeth Santos. Mundo Rural, Modo de vida e as memórias do processo de trabalho em Casas de Farinha. *GEOINGÁ: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*, v. 13, p. 21-40, 2021.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

VERDEJO, Miguel Expósito. *Diagnóstico rural participativo: um guia Prático*. Brasília/DF: Ascar, 2006. 62 p.